

A MERCANTILIZAÇÃO INTELECTUAL DO DISCENTE ATRAVÉS DA IA: RELATO CRÍTICO

Alice Viana Guimarães^{1*}
Ana Luisa Lopes Cabral^{2*}
Andre Alvares Usevicius^{3*}
Isadora Guimarães de Castro^{4*}
Jefferson Rosa Marques Batista^{5*}
Rafael de Almeida Mota^{6*}

RESUMO

Trata-se de relato de experiência empírico, que visa problematizar o uso massificado de Inteligências Artificiais (IAs) generativas por estudantes. O foco não está na IA como ferramenta mediadora em contextos supervisionados de aprendizagem, mas sim no seu uso não regulado. A observação buscou documentar os modos como estudantes usam IAs no fluxo regular de suas atividades, assim como a forma que tal uso impacta nas escolhas terminológicas, formais e argumentativas. O objetivo central é demonstrar como tais práticas contribuem para a formação de uma ideografia padronizada. A análise adotada foi qualitativa, crítica e interpretativa — voltada a compreender significados, impactos e implicações sociopolíticas, não a quantificar eficiências operacionais. Esta análise se organiza em três eixos: (1) identificação da ideografia produzida por práticas mediadas por IA; (2) leitura crítica à luz de Mark Fisher e Donna Haraway; (3) articulação com o conceito de ideografia dinâmica proposto por Pinheiro (2025) e com a figura do tecnofeudalismo enquanto estrutura de extração epistêmica.

PALAVRAS-CHAVE:

Inteligência Artificial. Cognição. Educação.

INTRODUÇÃO

A inteligência artificial tem revolucionado a forma como interagimos com a tecnologia, transformando setores como educação e saúde. No entanto, seu impacto na inteligência humana é um tema sumamente complexo e multidimensional, que suscita debates sobre os benefícios e os desafios dessa interação (CHIRIATTI; GANAPINI; PANAI, 2024; NELSON, 2023).

¹Especialista, Universidade Evangélica de Goiás, aliceguimaraes.psi@gmail.com

²Mestre, Universidade Evangélica de Goiás, ana.cabral@unievangelica.edu.br

³Mestre em Psicologia, Universidade Evangélica de Goiás, andreusevicius@gmail.com

⁴Especialista, Universidade Evangélica de Goiás, isadora.castro@unievangelica.edu.br

⁵Especialista, Universidade Evangélica de Goiás, jeffersonmarquesrb@gmail.com

⁶Mestre, Universidade Evangélica de Goiás, rafaelmota001@gmail.com

O desenvolvimento de máquinas capazes de executar tarefas que exigem inteligência humana é um anseio nutrido historicamente muito antes da ciência moderna (RÜDIGER, 2002, 2008; RÜDIGER, 2003; SCHUHL, 1954) e que na atualidade, a partir da convergência de múltiplas áreas do conhecimento científico, tem sido um dos principais objetivos da ciência da computação, contexto esse onde a Inteligência Artificial (IA) vem se destacando, permitindo que sistemas aprendam, raciocinem, reconheçam padrões e tomem decisões com base em dados (KLELLA; MRGHEM, 2024; SHRAGER, 2024).

Enquanto a IA supostamente amplia nossas capacidades cognitivas em alguns aspectos, também levanta preocupações sobre a dependência tecnológica, a erosão de habilidades cognitivas, existência humana e a redefinição do que significa ser inteligente em um mundo cada vez mais digital, questões essas que muitas vezes são ofuscadas por medo (tecnofobia) ou pelo fascínio (tecnofilia) em torno das capacidades da IA em geral, aumentando a possibilidade de consequências devastadoras em toda a realidade social e obscurecendo questionamentos significativos que são inaugurados pela “nova forma” de interação entre seres humanos e a máquina (ALVES, 2024; BOSTROM, 2018; CHIRIATTI; GANAPINI; PANAI, 2024; LAGRANDEUR, 2023).

O ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI e o DeepSeek, ambos Chatbots, são um exemplo notável dessa evolução, podendo produzir textos, músicas e poemas insuflados de pseudo sentimentos, representando assim um grande salto ao gerar respostas cada vez mais personalizadas (ALVES, 2024; KLELLA; MRGHEM, 2024).

No entanto, o impacto desses Chatbots vai além da sua funcionalidade, levantando questões sobre suas consequências na sociedade. A capacidade desses sistemas de gerar conteúdos complexos e engajar em diálogos aprofundados questiona até que ponto a IA está apenas simulando habilidades cognitivas humanas ou, de fato, expandindo as formas de aprendizado e interação. A busca por soluções rápidas, o desejo por respostas instantâneas e a crescente dependência da tecnologia facilitaram a adoção dessa ferramenta. Em uma sociedade do imediatismo a IA surge como uma solução conveniente para otimizar tarefas e processos, entretanto, essa dependência tecnológica levanta preocupações sobre o impacto na capacidade de abstração, reflexão, pensamento crítico, planejamento e organização do comportamento humano, podendo afetar a capacidade analítica e criativa, gerando novos entendimentos sobre lugar da autonomia na experiência humana (AHMAD;

HAN; ALAM, 2023; BOSTROM, 2018; KLELLA; MRGHEM, 2024) levantando questões sobre quem está e estará no controle: os humanos ou as máquinas?

O impacto da inteligência artificial na inteligência humana é um fenômeno complexo, por um lado, a IA tem o potencial de ampliar nossas capacidades cognitivas, otimizar processos e abrir novas fronteiras para a inovação. Por outro, ela pode levar à dependência tecnológica e à erosão pensamento autônomo.

No âmbito da cognição, o pensamento humano, forjado nas interações sociais e nos processos históricos, não se reduz à mera capacidade de processar informações. Ele emerge da práxis, da transformação consciente do mundo objetivo e da criação de significados (RATNER, 1995; VARGAS, 1994; VIGOTSKI, 1995, 2010). Diferente disso, a IA opera sobre um conjunto finito de dados, estruturados por algoritmos cuja lógica é a da padronização e do cálculo probabilístico. O pensamento humano se constitui na incerteza, nas vivências, no devir e na contradição; a IA, por sua vez, reproduz padrões cristalizados, limitados àquilo que já foi formalizado e quantificado (AHMAD; HAN; ALAM, 2023; KLELLA; MRGHEM, 2024).

A forma como o aprendizado se dá na IA também expressa essa diferença fundamental, enquanto a aprendizagem humana é um processo dinâmico, marcado pela mediação social e pela historicidade, a IA se ancora na detecção de padrões, na reprodução de estatísticas e na adaptação superficial às condições preexistentes. Em outras palavras, o ser humano, ao aprender, não apenas acumula conhecimento, mas o ressignifica, criando novas possibilidades para sua práxis (VIGOTSKI, 1995, 1997, 2003; VIGOTSKI; LURIA, 1996), IA, por sua vez, carece de intencionalidade e subjetividade, sendo incapaz de transcender os limites, a princípio, de seu treinamento algorítmico (AHMAD; HAN; ALAM, 2023).

Quando nos debruçamos sobre a problemática da consciência, a diferença se torna ainda mais evidente. A consciência humana é forjada na luta histórica, na relação dialética entre sujeito e objeto, entre o pensamento e a realidade concreta (RATNER, 1995). A IA, por mais avançada que seja, não possui experiência, intencionalidade ou reflexividade, seu funcionamento não passa de uma sofisticada articulação de probabilidades enervadas em redes neuronais artificiais, condicionada pelos dados que lhe são fornecidos e pelos interesses daqueles que controlam seu desenvolvimento (FARISCO; EVERS; CHANGEUX, 2024).

A incorporação crescente da IA nas esferas produtivas e sociais não é isenta de implicações críticas. Longe de ser um mero instrumento neutro, a IA participa de um processo mais amplo de reconfiguração das relações de trabalho, educacional e das dinâmicas sociais. O discurso da eficiência e da otimização produtiva oculta a expropriação de capacidades humanas e a precarização do trabalho. A automação de processos, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de trabalho humano em determinadas funções, também amplia o controle e a disciplina sobre os corpos e as mentes dos trabalhadores (ANTUNES, 2020, 2024; TAI, 2020).

Além disso, a interação crescente com sistemas baseados em IA impacta a própria forma como os indivíduos se relacionam com o conhecimento, com o mundo e consigo mesmos (ALVES, 2024; SAYAD, 2023). O uso intensivo de sistemas de IA para tomada de decisões e para a intermediação das interações sociais pode resultar na diminuição da reflexividade crítica e na aceitação passiva de respostas automatizadas. A própria autonomia do pensamento humano corre o risco de ser minada pela dependência excessiva de sistemas artificiais, reforçando padrões hegemônicos de pensamento e esvaziando as potencialidades criativas e emancipatórias da consciência humana (AHMAD; HAN; ALAM, 2023).

METODOLOGIA

Este documento parte do relato empírico acima para problematizar um fenômeno: o uso massificado de IAs generativas por estudantes, não como ferramenta mediadora em contextos supervisionados de aprendizagem, mas como um procedimento cotidiano que tem transformado a produção acadêmica estudantil em mercadoria intelectual uniforme. Não se trata aqui de propor aulas ou intervenções — os docentes não ministraram uma formação sobre IA; o que se relata é a observação crítica das práticas discente e de suas consequências formativas.

Tal observação ocorreu em sala de aula, em turmas do curso de Psicologia da Universidade Evangélica de Goiás, em Anápolis. A observação buscou documentar os modos como estudantes usam IAs no fluxo regular de suas tarefas, assim como a forma que tal uso impacta nas escolhas terminológicas, formais e argumentativas, e como tais práticas contribuem para a formação de uma ideografia padronizada. A análise foi qualitativa, crítica e interpretativa — voltada a compreender significados, impactos e implicações sociopolíticas, não a quantificar eficiências operacionais.

Esta análise se organiza em três eixos: (1) identificação da ideografia produzida por práticas mediadas por IA; (2) leitura crítica à luz de Mark Fisher e Donna Haraway; (3) articulação com o conceito de ideografia dinâmica proposto por Pinheiro (2025) e com a figura do tecnofeudalismo enquanto estrutura de extração epistêmica.

RELATO DE EXPERIÊNCIA E RESULTADOS

Mark Fisher (2020) oferece um diagnóstico útil para entender a aceitação acrítica das tecnologias: o realismo capitalista, que naturaliza as formas atuais de organização social e epistêmica, torna difícil imaginar alternativas ao status quo. Aplicado ao uso discente de IA, o realismo capitalista manifesta-se na sensação de inevitabilidade – neste sentido, estudantes e docentes aceitam a ideia de que se render à IA é simplesmente a única possibilidade nos tempos atuais, silenciando questões de poder, propriedade e valor.

Donna Haraway (2009), por outro lado, problematiza a figura do 'ciborgue' como metáfora para a relação intrincada entre humano e tecnologia. Mas a filósofa também convoca responsabilidade e especificidade: a relação com tecnologia não é moralmente neutra; ela é política e exige práticas de accountability e de responsabilidade coletiva. A apropriação acrítica da IA por estudantes tende a apagar essas dimensões políticas, reduzindo a mediação tecnológica a somente uma instrumentalidade neutra.

Pinheiro (2025) propõe o conceito de 'ideografia dinâmica' para pensar como representações e saberes são re combinados em escala por plataformas digitalizadas. Essa ideia ajuda a entender que as saídas geradas por IAs não são meros textos, mas formas ideográficas — vale dizer, modos de representação e circulação do saber — que estruturam o que é considerado aceitável, coerente e 'acadêmico'.

O termo tecnofeudalismo, cunhado por Varoufakis (2025), designa a tendência contemporânea pela qual as plataformas e os provedores tecnológicos concentram poder de definição e extração de valor simbólico/epistêmico. Estudantes, ao produzir com e através dessas plataformas, tornam-se nós numa cadeia de produção cujo produto final (o trabalho acadêmico) é, em última instância, convertido em dados, padrões e mercadoria intelectual.

Neste sentido, foi possível constatar – a partir da observação das práticas discentes e a instrumentalização da IA em seu processo de ensino – a solidificação de uma ideografia que considera

como válido somente o tipo de conhecimento gerado como uma “receita” pronta e acabada, que leve a soluções fáceis e rápidas, desconsiderando o pensamento crítico e a singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o uso da IA como ferramenta pelos discentes faz com que fabriquem cada vez mais uma psicologia que se pressupõe neutra – ainda que circule dentro da lógica da sociedade neoliberal –, totalmente protocolar e esvaziada de perspectivas plurais e que busquem pela diferença do outro. Uma psicologia que pretende responder a qualquer demanda de sofrimento mental desconsiderando seu contexto histórico, social e político, é, em última instância, somente mais um prompt executado por uma IA. É necessário exercer o pensamento crítico e a capacidade de abarcar a subjetividade do outro – caso contrário, a humanidade do psicólogo também será reduzida somente a mais uma mercadoria que reproduz uma inteligência estatística e numérica, incapaz de conceber a singularidade.

REFERÊNCIAS

- AHMAD, S.; HAN, H.; ALAM, M. Impact of artificial intelligence on human loss in decision making, laziness and safety in education. *Humanit Soc Sci Commun*, [S. l.], v. 10, 2023.
- ALVES, C. A. A inteligência artificial e o desenvolvimento neuropsicológico de crianças e adolescentes. *Self - Revista Do Instituto Junguiano De São Paulo*, [S. l.], 2024.
- ANTUNES, R. O privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANTUNES, R. Para não se correr riscos com IA é preciso acabar com o capitalismo. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/25/para-nao-se-correr-riscos-com-ia-e-preciso-acabar-com-o-capitalismo-defende-ricardo-antunes/>.
- BOSTROM, Nick. Superinteligência: caminhos, perigos e estratégias. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.
- CHIRIATTI, M.; GANAPINI, M.; PANAI, M. The case for human–AI interaction as system 0 thinking. *Nat Hum Behav*, [S. l.], v. 8, 2024.
- FARISCO, Michele; EVERS, Kathinka; CHANGEUX, Jean-Pierre. Is artificial consciousness achievable? Lessons from the human brain. *Natural Networks*, [S. l.], 2024.
- FISHER, Mark. Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- HARAWAY, Donna. Antropologia do Ciborgue - As vertigens do pós-humano. Minas Gerais: Autêntica Editora, 2009.
- KLELLA, Akram; MRGHEM, Zakria. Artificial Intelligence and Human Cognition: A Systematic Review of Thought Provocation through AI ChatGPT Prompts. *ATRAS Journal*, [S. l.], v. 5, 2024.
- LAGRANDEUR, Kevin. The consequences of AI hype. *AI and Ethics*, [S. l.], v. 4, 2023.

- NELSON, Jason. How Does AI Affect Kids? Psychologists Weigh In. 2023. Disponível em: <https://decrypt.co/151434/ai-effects-on-kids-children>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- PINHEIRO, Marcus Túlio de Freitas. A inteligência artificial como ideografia dinâmica: repensando a representação do conhecimento na contemporaneidade. Revista Caderno Pedagógico, 2025.
- RATNER, Carl. A Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- RÜDIGER, Francisco. Elementos para a Crítica da Cibercultura. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- RÜDIGER, Francisco. Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- RÜDIGER, Franciso. Introdução às Teorias da Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SAYAD, Alexandre Le Vici. Inteligência artificial e pensamento crítico: caminhos para educação midiática. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2023.
- SCHUHL, Pierre-Maxime. Maquinismo y filosofía. Buenos Aires: Galatea y Nueva Vision, 1954.
- SHRAGER, Jeff. ELIZA Reinterpreted: The world's first chatbot was not intended as a chatbot at all. 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2406.17650>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- TAI, MC. The impact of artificial intelligence on human society and bioethics. Tzu Chi Med, [S. l.], v. 32, p. 339–343, 2020.
- VARGAS, Milton. O “logos” da Técnica. In: Para uma filosofia da Tecnologia. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1994. p. 171–186.
- VAROUFAKIS, Yanis. Tecnofeudalismo: O que matou o capitalismo. São Paulo: Editora Crítica, 2025.
- VIGOTSKI, L. S. Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.
- VIGOTSKI, L. S. Sobre los sistemas psicológicos. In: Obras Escogidas Vol. 1. Madrid: Visor Distribuciones, 1997. p. 71–92.
- VIGOTSKI, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: martins fontes, 2003.
- VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: martins fontes, 2010.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. Estudo sobre a História do Comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.